

UMBUZEIRO: MODERNA, DESENVOLVIDA E CIVILIZADA?

Ana Márcia Maciel

Pós-Graduanda em História Local pela Universidade Estadual da Paraíba
marciamaciel29@hotmail.com

Resumo: A cidade é um tema que vem ganhando cada vez mais espaço na historiografia e, promovendo pesquisas em larga escala principalmente no que desrespeito à Paraíba. Nosso intuito é analisar de que forma a modernidade chega à cidade de Umbuzeiro, no âmbito do público e do privado entre 1900 a 1930, como também, as diversas experiências dos cidadãos, observando as rupturas e continuidades. Umbuzeiro nos ajuda a pensar as sociedades situadas no interior do estado da Paraíba e suas peculiaridades, alguns de seus filhos são personagens que protagonizaram a cena política local e nacional, o que permitiu a urbe se transformar em um lugar de destaque entre as demais cidades da Paraíba, pensar as experiências modernas na cidade de Umbuzeiro no início do século XX, e como elas são experimentadas nos espaços do público e do privado. Nossa pesquisa tem como fontes inventários *post mortem*, documentos oficiais, jornais e fotografias, elementos produzidos ao longo do tempo pelos cidadãos que de alguma forma testemunharam as transformações ocorridas durante o advento da modernidade, fenômeno que pretendemos trabalhar em uma perspectiva da nova história cultural.

Palavras-chaves: Cidade. Modernidade. História Local.

INTRODUÇÃO

Adentar nas tramas do tempo, traçar narrativas sobre as experiências humanas é uma tarefa difícil, lenta e prazerosa. Historiadores como Walter Benjamin, Antônio Paulo Resende, Sandra Jatahy Pesavento, Gervácio Batista Aranha, entre outros, se aventuraram nos caminhos de tentar compreender como o moderno e o tradicional se tocam, quais mudanças geram nos comportamentos dos diferentes grupos humanos, nas suas sociabilidades e como os símbolos do moderno são experimentados.

Assim, é a partir dessas contribuições historiográficas que nos aventuraremos a traçar nossas linhas com o intuito de analisar de que forma a modernidade se materializa na cidade de Umbuzeiro a partir de alguns símbolos do moderno que permeiam o

espaço público e o privado. Portanto, pensar a cidade, o moderno e suas diversas formas de experiência é extremamente importante para compreendermos, a construção da cidade moderna e de que forma esse fenômeno afetou as tradicionais formas de existir, nos mais diversos espaços.

Uma das construções humanas mais fascinantes do século XIX são as chamadas cidades modernas, e com elas, surgem às multidões, a escassez do tempo, a pressa das relações interpessoais e o encantamento pelo novo trago no brilho das luzes que clareiam as cidades.

Nessa perspectiva, analisar as diferentes experiências e sociabilidades tocadas pelos signos do moderno se faz altamente necessárias ao passo que outras cidades já foram pensadas a partir do moderno e do tradicional, no entanto, Umbuzeiro que foi partícipe importante na construção da história paraibana e que teve destaque em conseguir construir um espaço urbano que ganhou destaque pelos seus ares modernos, ainda não recebeu esse olhar.

Ao adentrarmos nas conquistas tecnológicas modernas que mudaram e (re) construíram as formas de viver, sentir e ser, pensarmos nas grandes referências simbólicas da urbe moderna: Londres e Paris, capitais que representaram o modelo de sociedade moderna e civilizada que seria imitada em todo o mundo Ocidental.

Ao longo do século XIX essas cidades viram ocorrer um processo de mudanças em seu cotidiano acarretadas por fenômenos até então desconhecidos, como: a pressa. As pessoas possuem uma nova relação com o tempo, o relógio determina as tarefas ao longo do dia, e o sentimento de pressa está de forma mútua na vida das pessoas que percebem o tempo agora mais acelerado.

Outro elemento que compõe a paisagem dos grandes centros urbanos é a multidão, ocasionada pelo significativo aumento da população, a multidão que está presente no vai e vem das calçadas, oferece a cidade uma nova imagem de si mesma, que desperta interesse, medo, admiração e mudança.

Esses novos elementos que estão presentes no processo de modernização contribuem para que as relações interpessoais sejam fluidas, as pessoas inseridas no campo da pressa e da multidão são levadas ao campo do individualismo, o modo de

conceber a si, o outro e ao mundo são afetados diretamente pelos equipamentos tecnológicos de desenvolvimento e de modernidade.

No Brasil temos como referências de cidades modernas: o Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, entre os séculos XIX e XX, estes são os centros urbanos que possuem uma interação maior com os símbolos modernos. Espaços estes que iram fazer a ponte entre as grandes capitais europeias e as cidades interioranas brasileiras, lhes apresentando o acesso a mecanismos tecnológicos que vão mudar a forma de comunicação, locomoção, interação etc., de seus habitantes.

Nessa perspectiva, ao entrarmos nos caminhos do processo de modernização paraibana percebemos que esse fenômeno está muito distante dos ritmos frenéticos das grandes urbes modernas, obedece a ritmos outros com cadências próprias da região, a modernidade aqui é sentida, experimentada e vivida com muita calma. Como afirma ARANHA “*é impossível falar em vida moderna no Norte, no período estudado, tomando como parâmetro a ideia de ritmo social do tipo que serve para caracterizar as capitais culturais europeias do período oitocentista.*” (2005, p. 79).

Dessa forma, adotaremos aqui o conceito de *símbolos do moderno* de Gervácio Batista Aranha (2005), para pensarmos o processo de modernidade paraibana durante o século XX. Entendemos ser pertinente partirmos desse aporte teórico, pois, este nos permite compreender as peculiaridades existentes no Norte do Brasil, em especial na Paraíba, espaço que produziu seus próprios ritmos de conquista da modernidade e sua relação com tais símbolos.

Assim, pensar a modernidade “*com base no impacto provocado por certas conquistas materiais que passam ao imaginário urbano como símbolos do moderno*” (ARANHA, 2005, P. 79). É fazer o exercício de (re) conhecer as transformações urbanas a partir desses símbolos que se exprimem por meio de novidades tecnológicas de uso coletivo, tais símbolos se materializam através de:

Transportes e comunicações (sistemas telegráfico, telefônico, ferroviário etc.), na adoção de equipamentos de higiene e/ou conforto (sistemas de água encanadas e/ou esgotos, sistemas de iluminação pública e privada etc.), na construção de prédios ou logradouros públicos destinados ao lazer (parques, praças ou passeios públicos), dentre outros. (ARANHA, 2005, P. 79).

Dessa forma, esses símbolos do moderno vão representar o contato com o novo, o chique, o civilizado, trazendo para as cidades paraibanas a possibilidades de experiências modernas, pautadas nesses símbolos que modificam não só a paisagem urbana, como também, as sociabilidades.

UMUZEIRO: NOS PASSOS DA MODERNIDADE

Ao longo dos anos Umbuzeiro seguiu desenhando novos traçados urbanos. Possuía ruas niveladas, calçadas e arborizadas que lhe propiciavam um “*aspecto agradável e bello*”. Completando este cenário, a Prefeitura adquiriu um motor “*Gazogenio Acetylene, acompanhado do petrecho necessário*” e inaugurou a “*iluminação publica no meio de appalunos dos habitantes*” no dia “*13 de maio de 1906*”. (GOMES, 1995, p. 104).

Com isso se tornou a primeira Vila do interior paraibano a dispor de iluminação pública a acetileno. Esse fato impactou a vida dos cidadãos lhe possibilitando novos espaços de sociabilidades, diversão e encontros. Agora era possível os passeios a noite, a conversa na calçada seria iluminada por um dos mais importantes símbolos da conquista material umbuzeirense.

O memorialista Eduardo Gomes não deixa de relatar o progresso dos meios de comunicação na cidade. Desde 1899 a cidade possuía “Correios e Telégrafos”. Não estava isolada da capital e de Pernambuco, mas as dificuldades encontradas por tais serviços eram grandes e “as correspondências ‘viajavam às costas de animais, via João Pessoa, Ingá, Aroeiras a Umbuzeiro”. Esta rota seria mudada em 1908, quando Eptácio Pessoa criou a “linha pernambucana da agência dos Correios de Umbuzeiro via Limoeiro-Bom Jardim-Umbuzeiro”. No ano seguinte, anunciou-se a “instalação da linha telegráfica de Bom Jardim a Umbuzeiro”, inaugurada em “15 de novembro de 1911, sendo substituída por um aparelho Morse em 1912” (GOMES, 1995, p. 84).

“*Em 1908, a população era de aproximadamente 11.000 mil habitantes em todo o município. A vila contava com 108 casas e seu primeiro sobrado.*” (SILVA, 2015, p. 52). Essa construção de dois andares certamente pertencia a uma família com um grande

poder econômico, era percebida e admirada pelos passantes que cruzavam as ruas largas da pacata Umbuzeiro.

Podemos perceber na foto abaixo a imponência do primeiro sobrado de Umbuzeiro ao lado de casas mais simples, certamente era motivo olhares curiosos, a frente temos a Praça João Pessoa que foi inaugurada em 1931 com a construção do busto após a morte de João Pessoa em sua homenagem, há alguns bancos na praça onde as pessoas se encontravam para conversar, ponto de encontro, divulgação de notícias, espaço de sociabilidade dos cidadãos.

Figura 1 - Praça João Pessoa



(Fotografia do acervo pessoal de Tatiane Vieira)

Na imagem, vemos a Praça João Pessoa nome das vias que a cercam. Antes a praça era nomeada de Monsenhor Walfredo, alteração ocorrida a pós a morte do Presidente João Pessoa. As ruas são largas e causadas, um carro pode ser avistado, símbolo de modernidade e poder econômico para quem o possuía, tendo em vista, que as pessoas se locomoviam em grande medida de cavalos, burros e os mais populares a pé. Dessa forma, o automóvel se configura como símbolo de poder e status social.

A imagem mostra a iluminação está presente na vida de grande parte do perímetro urbano alargando o dia e possibilitando novos hábitos. Porém, o ritmo que compõe a vida dos cidadãos na década de 1930 período em que provavelmente a foto foi feita é calmo e não requer muita pressa, o dia passa lentamente e, ao fim, o por do sol é acompanhado por muitos debruçados nas janelas.

Umbuzeiro durante as três primeiras décadas do século XX possui traços interioranos, marcados pelos hábitos de um povo simples e pacato, o meio rural e a agricultura eram muito presentes no cotidiano dessa cidade que tentava a cada conquista material se revestir de modernidade, mas, permanece com velhas práticas interioranas.

Umbuzeiro foi projetada para ser uma grande cidade, possui na arquitetura dos prédios públicos a materialidade da imponência e do desejo da modernidade, dois grandes exemplos são o Mercado Público inaugurado em 1916 e o Grupo Escolar Coronel Antônio Pessoa inaugurado em 1909. Na imagem abaixo, provavelmente da década de 1930, é possível ainda perceber alguns aspectos de ruralidade que se misturavam a itens modernizantes que cercavam as suas ruas naquele contexto. Vejamos.

Figura 2 - Mercado Público



(Fotografia do cervo pessoal de Jorge Venâncio)

A foto a cima mostra o Mercado Público construído em estilo *art déco*. O *déco* era o que havia de mais moderno em termos de estilo de construção que começou a invadir o Brasil nas décadas de 1920 e 1930, exemplo disso é que a reforma de Vergniaud Wanderley fez em Campina Grande, as construções foram todas inspiradas na *art déco*.

O mercado possui arcos que lembram o raiar do dia, o progresso chegando a esta urbe, suas dimensões são de grande porte para o período, comportava grandes quantidades de mercadoria dos comerciantes locais e vindos de outros municípios, um item modernizante em meio a práticas e hábitos rurais.

O mercado foi fotografado aberto, com algumas barracas de madeira e protegidas contra o sol para não estragar a mercadoria a sua frente e, no nosso lado esquerdo podemos observar um animal transportando um homem e sua mercadoria, esta imagem reflete uma prática muito comum dos cidadãos umbuzeirenses.

Era comum a circulação de animais como meio de transporte já que a maioria do território de Umbuzeiro era rural e invadia o perímetro urbano mostrando a simplicidade dos populares. Além disso, o automóvel não era acessível a maioria das famílias umbuzeirenses, as quais encontravam nos animais de carga um meio de locomoção mais próximo de sua realidade.

Umbuzeiro busca por meio dos símbolos modernos que foi conquistando ao longo do tempo, inserir aspectos civilizatórios aos espaços urbanos tanto no âmbito público quanto privado, e a educação é uma poderosa ferramenta que possui esta condição, alfabetizar a elite nesse contexto é importante para o status social não apenas das famílias mais abastadas, como também, a própria urbe que adquire a imagem de letrada e civilizada.

Umbuzeiro ajuda-nos a pensar as sociedades situadas no interior do estado da Paraíba, tendo em vista suas inúmeras peculiaridades. Alguns de seus filhos são personagens que protagonizaram a cena política tanto em âmbito local como em âmbito nacional, o que permitiu que esta urbe se transformasse num lugar de destaque entre as demais cidades interioranas. A partir da forte influência política dos seus *filhos ilustres*, a cidade que nasce como ponto de descanso para grande parte dos tropeiros que vinham do Recife para Campina Grande, é a primeira cidade do interior a possuir iluminação pública, e outros símbolos que trazem uma experiência de modernidade para a população desse período, como relata o presidente da Paraíba:

(...) Em discurso proferido na Tribuna da Assembleia Legislativa da Paraíba, em 1907, o padre e então presidente da Paraíba, Monsenhor Walfredo Leal, informava que Umbuzeiro era “incontestavelmente um dos municípios mais florescentes do Estado, onde a municipalidade muito tem feito”. Possuía ruas niveladas, calçadas e arborizadas que lhe propiciavam um “aspecto agradável e bello”. (SILVA, 2015, P. 20.).

A Umbuzeiro do início do século XX, como podemos observar, possuía alguns símbolos que lhe caracterizavam como agradável e bela. Assim, penetrar nessa sociedade, tentando perceber quais experiências estavam contidas naquele contexto de mudanças que englobam aspectos arquitetônicos, os meios de transporte e de comunicação, são exemplos de experiências inspiradas a partir dos grandes centros urbanos idealizados como cidade moderna.

Nessa perspectiva, percebemos que Umbuzeiro é caracterizada como uma cidade onde a modernidade se fez presente. Uma modernidade que em grande medida, foi proporcionada pelo poder público municipal, o qual, sempre teve vinculado a poderosa família Pessoa. Família esta que fazia parte da elite paraibana e que tinha o desejo de inserir sua cidade natal no rol das urbes modernas, dando-lhes equipamentos que eram os símbolos do desenvolvimento, do moderno e do civismo.

A MODERNIDADE ADENTRA AOS LARES UMBUZEIRENSES

A cidade aqui é pensada como um espaço marcado pela ação do homem, que reflete seus sonhos, anseios, angústias, desejos, hábitos, práticas, historicamente construída pelos corpos que ali deixaram suas marcas ao longo do tempo e que reflete diretamente os valores culturais compartilhados pela sociedade na qual estão inseridos. (PENSAVENTO, 1995, p. 48).

Deve-se estar atento para não se universalizar historicamente as categorias ligadas ao espaço, “entre elas a polaridade público/privado”. “A moderna separação entre público e privado é algo histórico e, portanto não inevitável ou natural” este espaço se comporta como “o lugar da familiaridade – o doméstico, o íntimo.” (MATOS, 2002, p. 38).

Os espaços tidos como privados também são passíveis de representações e significados, nessa perspectiva, “Entendemos a casa como o lugar de memória, de uma memória seletiva (...) as maneiras de morar, as comodidades, os luxos adotados pela sociedade em um determinado momento social, cultural e econômico.” (ABRAHÃO, 2010, p.15). São objetos de estudo para o historiador que busca compreender os as tramas do cotidiano presente na urbe em processo de transformação da vida material.

A cidade como objeto de estudo vem cada vez mais crescendo, principalmente no que tange a Paraíba, e ampliando suas formas de interpretação, estudos que versam diferentes temporalidades e as mais variadas fontes. Alguns pesquisadores se debruçaram sobre esta temática que tanto seduz, abordando a modernização paraibana, os símbolos do moderno e de que forma essas transformações alteraram a vida das pessoas.

Ao adentrarmos nos diversos espaços do morar, percebemos que houveram transformações nos modos de organização do mobiliário doméstico, em sua forma de utilizar e nos próprios materiais que compunham os móveis que ornamentavam as diversas casas umbuzeirenses, tanto as com um poder aquisitivo maior, como as mais populares.

Aqui iremos fazer o exercício de tentar buscar compreender como a modernização se materializava nos interiores dos lares, quais utensílios domésticos ocupavam os diversos espaços das residências, como era sua organização nos cômodos, como também, perceber quais são as continuidades e rupturas. Por meio de leituras que compactuam com nosso objeto e pelo mapeamento e análise de inventários que fazem parte do arquivo do Fórum de Umbuzeiro. Nessa perspectiva, optamos por nos debruçarmos sobre os inventários de 1900-1930 período que é objeto da nossa investigação.

A conquista material durante a primeira metade do século XX possui forte influência europeia que se imprimi como referência a ser seguida pela elite brasileira e uma preocupação com os móveis domésticos. “Paulatinamente os interiores das residências foram sendo valorizados. Havia uma preocupação com os adornos que complementavam a decoração dos ambientes para se tornarem menos áridos e mais personalizados.” (ABRAHÃO, 2010, p.95).

A casa passa a ser um espaço privado que se comporta de formas diversificadas, tendo dentro desse espaço privado, sub-divisões que possuem uma conotação de “público” e “privado”, como as salas de jantar que foram, aos poucos sendo abertas ao publico por meio de jantares e os quartos e banheiros como espaço reservado, ou seja, íntimo. “Os jantares passaram a ser oferecidos a convidados ilustres e membros de outras famílias pertencentes ao mesmo estrato social. Nessas reuniões, reafirmavam-se

velhas alianças políticas e econômicas (...).” (ABRAHÃO, 2010, p.96). Certamente, Umbuzeiro berço da poderosa família Pessoa realizou muitos jantares para receber políticos, fazendeiros, coronéis, comerciantes, ou seja, pessoas que exerciam influência sobre o campo político-administrativo e econômico local e nacional.

Dessa forma, ao identificarmos as transformações ocorridas nos interiores das residências por meio da cultura material, (entendida aqui como um conjunto de objetos que representem a forma de viver, morar, comer de uma determinada sociedade) observamos que a mobília passa de geração em geração e ganha um novo sentido passando do material para o simbólico, muitas peças irão ser tidas como objeto indenitário de algumas famílias, e conseqüentemente artigo de destaque.

Para esse exercício, uma fonte mostrou-se essencial, a saber, os inventários *post mortem* pesquisados no Fórum Epitácio Pessoa na cidade de Umbuzeiro. Naquele arquivo, mantivemos contato com 25 inventários, sendo 1 do ano de 1911, 2 do ano de 1920, 1 do ano de 1924, 3 do ano de 1926, 1 do ano de 1927, 4 do ano de 1931, 4 do ano de 1937, 3 do ano de 1938, 6 do ano de 1939.

Os 25 inventários que tivemos contato 17 foram da zona rural e 8 da zona urbana, houveram uma recorrência detalha de bens que foram declarados, como: mesa, tamboretas, casa, telhado, terras, gado, dinheiro ou dívidas, materiais preciosos (ouro, prata e cobre), quando haviam. O valor dos móveis e imóveis tudo era declarado no inventário, também é possível encontrar detalhe ricos do meio familiar, quantos membros são, casados ou solteiros, idade, onde moram, ou seja, o inventário é uma fonte em potencial para tentar analisar uma sociedade de outro contexto, de outro período porque, nela encontra-se detalhes não só dos bens que são inventariados mais das pessoas que compartilham esses bens e do inventariado.

Os inventários analisados foram importantes para perceber um pouco o universo do interior de muitas casas de Umbuzeiro cujos moradores conviviam com sinais do moderno experimentados no âmbito externo, sendo muitos deles incorporados no interior do lar. Por outro lado, os documentos informaram que a cidade que se queria moderna, mostrando-se civilizada, também pelo fato de ter sido berço de homens ilustres, apresentava contradições posto que muitos de seus antigos moradores

apresentavam hábitos de vida simples, enquanto que outros desfrutavam de itens mais requintados da cultura material.

Um desses inventários é datado de 25 de outubro de 1938, quando foi inventariado os bens do Senhor Manoel Freire da Silva, o inventariante foi seu filho Senhor Antônio Freire da Silva, residente em “Pedra D’água” desde nascemos. E a escritã responsável pelo processo foi Carmen Cavalcante, ela registra que o inventariado possuía:

Declarou coistirem seis tamboretos com assentos de palha (...) que vista foram avaliados por nove mil reis, uma mesa grande, para refeições, perfeita, que vista foi avaliada por vinte mil reis. Declarou coistirem uma espreguiçadeira, que vista, foi avaliada por cinco mil reis. (INVENTÁRIO, 1938, p.3).¹

O trecho acima faz referência a um inventario que descreve com detalhes a situação com que se encontravam alguns móveis, do Senhor Manoel Freire da Silva, a partir da descrição da mesa como “grande” é um indicativo que possuía uma família numerosa. Era um homem de algumas posses e possivelmente recebia alguns amigos e parentes em sua casa e, assim, a mesa torna-se um elemento importante no mobiliário, pois, era o local de degustar os sabores da casa nas refeições, acompanhadas de conversas que poderiam versar desde uma conversa agradável com amigos até desentendimentos familiares.

Este senhor também era dono de:

Declarou o inventariante existir uma parte de terras no lugar “Cru das Almas” do districto de Natuba deste fermo, havia por compra a Clementino Pereira da Silva (...). Declarou coistirem dois porcos, 1 vaca solteira, 3 vacas leiteras e 2 garrote já crescido (...). (INVENTÁRIO, 1938, p.4).

Como nos mostra o descrição do inventário acima, o Senhor Manoel possuía terras, um mobiliário formidável e alguns animais que eram avaliados para serem dividido entre os filhos e sua esposa.

As casas também reservavam um espaço para as orações diante dos santos católicos geralmente em oratórios, que era uma reconstrução informal de um mine altar

¹ Escrita referente ao período de declaração do inventário.

que possuía elementos cristãos como: terços, imagens de santos, velas, flores, fitas, para que a família tivesse um espaço revestido de uma áurea sagrada, um espaço familiar íntimo e especialmente onde Deus poderia ouvir as preces de seus fiéis.

A modernização nas formas de viver e morar dos lares umbuzeirenses nos remete ao desejo de afirmação diante da sociedade de sua posição, o sentir-se moderno era representado pelo uso de símbolos que se remetem a conquista material, em seus diversos âmbitos, seja no ambiente público, como no privado, em especial, no espaço doméstico a arquitetura das casas tentam buscar traços e modelos que contenham aspectos da urbe moderna.

Como nos mostra a descrição do inventário do Senhor Severino Alves Camelo, feito em 1929 pelo inventariante Alexandro Alves Camelo, residente em “Balanço” zona rural do município de Umbuzeiro, o laudo da avaliação afirma:

Coistirem uma casa de tijolos, coberta de telhas com três portas de frente, em chão próprio, nesta vila, que avaliamos por...1:800\$000. Mas uma casa de taipa e telhas, com uma porta e uma janela, também vista nesta vila, que avaliamos por...200\$000. (INVENTÁRIO, 1929, p.5).

Acima temos a descrição de duas casas uma de tijolos, com três portas na frente e outra de taipa com uma porta e uma janela na frente, essa descrição nos apresenta dois modelos distintos do morar, uma com mais detalhes e outra mais simples, provavelmente seus moradores são de classe sociais distintas.

A casa com três portas onde morava o Senhor Severino Alves Camello é mais sofisticada, arejada e com uma estética arquitetônica muito utilizada no período, tomemos este modelo como uma residência de classe média onde era detentora de algumas posses, e, conseqüentemente lhe configurava um status social.

A segunda descrição do morar nos revela uma construção típica dos populares, muito comum em Umbuzeiro, geralmente essas casas são destinadas a famílias que trabalhavam para pessoas que lhe davam um trabalho e eram apadrinhadas pelos patrões os quais possuíam um poder político e econômico na região.

As pessoas mais simples que moravam nessas residências não tinham luxo e muito menos recursos financeiros para ornamentarem suas casas, mas, usavam de táticas para tornar a existência um pouco mais confortável, bela e prazerosa. Os poucos

móveis são para as necessidades básicas, cada dia é vivido por vez, na busca pela sobrevivência os cidadãos mais pobres são os que erguem a cidade, alimentam e vestem as pessoas, na tentativa de vencer os obstáculos da pobreza e uma velhice mais sossegada.

Assim, podemos perceber como as formas de morar e viver são diversificadas e particulares, perpassam pelos simples detalhes do cotidiano. A urbe é composta pelos elementos do fazer de ricos e pobres que consomem essa urbe produzida todos os dias, território de amores, conflitos e medos compõem alguns das cenas que moldam a vida dos cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, entender o privado enquanto o público se transformava é fazer o exercício de penetrar nas casas umbuzeirenses, captando os significados contidos nos hábitos e práticas do morar e viver. Umbuzeiro possuía uma imagem de cidade adiantada, veiculada em muitos meios de comunicação, que não passava de meros ajustes de memória, figurando como peças centrais no jogo de representações que atendiam a determinados interesses políticos.

FONTE

INVENTÁRIO, 1929, p.5. caixa, 26. Fórum Epitácio Pessoa – Umbuzeiro/PB.

INVENTÁRIO, 1938, p.3, caixa, 32. Fórum Epitácio Pessoa – Umbuzeiro/PB.

REFERÊNCIA

ABRAHÃO, Eliane Moreli. **Morar e viver na cidade Campinas (1850-1900):** mobiliário e utensílios domésticos. São Paulo: Alameda, 2010.

GOMES, J. Eduardo. **Umbuzeiro 100 anos:** Nossa Terra, Nossa História, Nossa Gente. Campina Grande: Gráfica Offset Marcone, 1995.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura:** História, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

Ó, Alarcon Agra do; SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de; SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de; LIMA, Luciano Mendonça de A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural. IN: _____ ARANHA, Gervásio Batista. **Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas simbólicas (1880-1925).** 2 ed. João Pessoa: Ideia, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito Além do Espaço:** Por Uma História Cultural do Urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 16, 1995.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos Modernos:** histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

SILVA, Tatiane Vieira da. **A fabricação de uma cidade monumentalizada:** memória, identidade e patrimônio em Umbuzeiro (PB). Campina Grande: UFCG, 2015. 256f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015.